

Prática docente e letramento digital: desafios e perspectivas na era da tecnologia

Teaching knowledge and digital literacy: challenges and perspectives in the age of technology

DOI: [10.22481/lnostr.v.13i2.17063](https://doi.org/10.22481/lnostr.v.13i2.17063)

Maria Stella Alves Lima Gomes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7410-8847>
E-mail: stellastar179@hotmail.com

Mary Weinsten
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8911-3447>
E-mail: mary.weinstein@uesb.edu.br

Resumo

O presente artigo surge da motivação em explorar algumas conexões entre a prática docente e o letramento digital, enfatizando a importância da tecnologia digital nos ambientes escolares. Seu objetivo principal é analisar a relação da tecnologia digital e a prática docente durante as aulas no período pandêmico. Para esse estudo abordamos autores que estudam o letramento e o letramento digital, como Lévy (1999), Soares (2002), Coscarelli (2005), entre outros. O estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica fundamentada nos referenciais teóricos mencionados. Os resultados apontam que a prática docente durante a pandemia, foi possível com a utilização das tecnologias digitais. Os professores mobilizaram os saberes experienciais para viabilizarem sua prática pedagógica durante o ensino remoto no que tange à utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação.

Palavras-chave: Prática docente; letramento digital; tecnologia.

Abstract

This article was motivated to explore some connections between teaching practice and digital literacy, emphasizing the importance of digital technology in school environments. Its main objective is to analyze the relationship between digital technology and teaching practice during classes during the pandemic period. For this study, we approached authors who research literacy and digital literacy, such as Lévy (1999), Soares (2002), Coscarelli (2005), among others. The study was carried out through a bibliographic review based on the theoretical frameworks

mentioned above. The results indicate that teaching practice during the pandemic was possible with the use of digital technologies. Teachers mobilized experiential knowledge to enable their pedagogical practice during remote teaching regarding the use of digital information and communication technologies.

Keywords: Teaching practice; digital literacy; technology.

Introdução

A integração entre a prática docente e o letramento digital é fundamental para a construção de uma educação contemporânea e inclusiva, na qual os conhecimentos tecnológicos se tornam tão relevantes quanto os pedagógicos. Ao utilizar ferramentas digitais, os professores podem aprimorar suas metodologias, promovendo uma aprendizagem mais dinâmica e interativa. Além disso, o letramento digital capacita os indivíduos a navegar de forma crítica, ética e responsável no ambiente virtual, repleto de informações, o que permite uma análise consciente e reflexiva dos conteúdos digitais.

O conceito de letramento surgiu apenas na segunda metade dos anos de 1980, com a obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, da autora Mary Kato, para quem a língua culta falada “seria uma consequência do letramento”. Mais tarde, outros estudiosos passaram a diferenciar os conceitos de letramento e alfabetização, e, desde então, o termo ganhou ampla repercussão. A pesquisadora Ângela Kleiman, em sua obra *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*, também aborda o tema, enfatizando, contudo, as práticas sociais relacionadas ao uso da escrita. Vale destacar que muitos termos e palavras emergem em diferentes contextos e, com isso, adquirem novos sentidos, significações e interpretações.

Nessa perspectiva, Kleiman (2008) argumenta que o letramento deve ser compreendido como um fenômeno que ultrapassa o simples domínio da leitura e da escrita. Para a autora, não se restringe a atividades específicas de ler ou escrever, mas se caracteriza como um conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita, entendida tanto como sistema simbólico quanto como tecnologia, sempre situadas em determinados contextos e voltadas a finalidades específicas.

O letramento é mais do que simplesmente decodificar palavras ou construir um texto. Trata-se do conhecimento e da utilização da linguagem escrita em diversas práticas sociais e em diferentes espaços culturais e tecnológicos. Nesse cenário, tecnologia e comunicação estão

intimamente entrelaçadas, pois refletir sobre essas temáticas é também discutir o letramento contemporâneo, um meio em que indivíduos compartilham informações e constroem ideias, concepções e percepções que os mobilizam e impulsionam.

A atual multimodalidade tecnológica combina recursos como áudio, vídeo, texto e imagem, tornando os ambientes mais interativos e envolventes. A sociedade contemporânea está imersa em uma cultura de mediações e interações sociais constantes. Um aspecto relevante sobre o letramento é apresentado por Kleiman (2008, p. 16), na obra *Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna*, ao definir o letramento como uma prática de ensino que consiste em “planos de atividades visando o letramento do aluno”. Com isso, compreende-se que as atividades pedagógicas devem contemplar a realidade dos alunos, promovendo aprendizagem significativas por meio de situações reais, como notícias e fatos cotidianos que façam parte do universo social em que estão inseridos.

Atualmente, os indivíduos estão profundamente envolvidos na cultura digital, vivenciando uma sociedade marcada pela dinamicidade, na qual os aparatos tecnológicos se transformam constantemente e tornam-se obsoletos rapidamente. O mundo contemporâneo exige flexibilidade e adaptação nas práticas sociais, o que impõe desafios também ao campo educacional. A era digital modificou significativamente as formas de comunicação, trabalho e estudo. Nesse contexto, faz-se necessário acompanhar tais mudanças, incorporando novos formatos de ensino que tornem o processo educativo mais criativo, dinâmico e atrativo para os estudantes.

Magda Soares (2006) estabelece uma distinção entre alfabetização e letramento ao enfatizar que aprender a ler e a escrever não garante, por si só, a incorporação efetiva das práticas sociais de leitura e escrita. Segundo a autora, muitas pessoas dominam o código escrito, mas não desenvolvem a competência necessária para utilizá-lo em diferentes situações, como na leitura de livros, jornais e revistas, ou na produção de textos formais, como ofícios e requerimentos.

Durante muito tempo reconhecia-se como letrada àquela pessoa que era plenamente alfabetizada, ou seja, que sabia ler e escrever. Atualmente, o indivíduo pode ser analfabeto, não conhecer as letras, não saber escrever, mas ser considerada uma pessoa letrada (Soares, 2006). Como isso acontece? Muitas pessoas não frequentaram a escola, mas são extremamente atentas, convivem com livros, assistem filmes, séries, interagem com outras pessoas, conversam sobre

cultura, futebol, etc., ou seja, possuem um bom relacionamento social, e mais que isso são capazes de realizar tarefas, como por exemplo, ir ao banco, sacar dinheiro, pagar contas, conferir o troco, pegar um metrô, e isso sendo consideradas “analfabetas” aos “olhos” da sociedade, mas sendo totalmente letradas, pois envolvem-se em práticas sociais de leitura e escrita. E isso certamente não seria diferente com os saberes adquiridos pelos docentes em sua prática cotidiana, estes utilizam de artefatos digitais para desenvolver sua estratégia de ensino, muita das vezes “guiados” pelo saber adquirido de suas vivências sociais, e estes saberes foram essenciais para viabilizarem suas aulas durante a pandemia, tanto professores como alunos precisaram mobilizar conhecimentos para mediar o processo de ensino e aprendizagem.

Letramento digital e a prática docente

Com o advento da internet e a evolução da tecnologia digital da informação e comunicação, foram modificadas também as formas de linguagem da sociedade no que tange à leitura e à escrita. Linguagem é um processo de comunicação utilizado entre interlocutores para transmitir determinada mensagem. Hoje não utilizamos apenas a linguagem oral e escrita, mas a digital também.

De fato, a linguagem é universal e se manifesta nos mais diversos contextos sociais, incluindo o meio digital. A comunicação por meio de plataformas educativas tornou-se exemplo significativo, especialmente durante a pandemia, quando ambientes virtuais como Moodle e AVA foram amplamente utilizados para a realização de inúmeras atividades acadêmicas, viabilizando o processo de ensino-aprendizagem. Atualmente, não nos restringimos apenas à leitura de livros físicos ou à escrita em folhas de caderno; com o avanço tecnológico, novas formas de linguagem emergiram e passaram a integrar o cotidiano. Trata-se da cibercultura incorporada à vida dos indivíduos, na qual a leitura e a escrita extrapolam o espaço físico e ganham lugar também no ambiente virtual.

Soares (2002, p. 151) discute, ainda, sobre o letramento digital e diferencia do letramento tradicional: “[...] um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição — do letramento — dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”. A autora considera que o letramento digital é uma apropriação tecnológica incorporada pelos indivíduos

quando estes se envolvem em práticas sociais atreladas a esse novo letramento, diferente por exemplo de escrever numa folha de papel.

A internet surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, com a criação da Arpanet, uma rede desenvolvida para viabilizar a comunicação e o compartilhamento de informações entre centros de pesquisa, bases militares e o Pentágono. Seu propósito estava diretamente ligado ao contexto da Guerra Fria, funcionando como estratégia de segurança e de fortalecimento da infraestrutura de defesa norte-americana.. No Brasil, a internet chega em 1988, mas somente na década de 1990, o público pode acessar a *web* (Brasil Escola, 2024).

Estamos constantemente envolvidos nessa era digital. O acesso aos novos aparatos tecnológicos nos proporcionam desenvolver diferentes hábitos de comunicação e informação. Hoje nos vemos diante de uma cultura mediada por esses meios digitais. Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 09) afirmam que “[...] o letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e a escrita também em ambiente digital”. Lévy (1999), por sua vez, conceitua letramento como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Tal espaço constitui novos formatos de leitura e escrita dentro dessa conexão universal que os meios digitais nos proporcionam. Kleiman (2005, p. 21) afirma que “o letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso de dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas”.

Compartilhando desse viés argumentativo, Freitas (2010, p. 338) traz algumas considerações sobre o letramento digital, quais sejam:

Letramento digital se refere aos contextos social e cultural para discursos e comunicação, bem como aos produtos e práticas linguísticos e sociais de comunicação, e os modos pelos quais os ambientes de comunicação têm se tornado partes essenciais de nosso entendimento cultural do que significa ser letrado.

Podemos reiterar que a autora condiciona o letramento digital como uma prática social e culturalmente situada na sociedade. As construções conceituais sobre o letramento digital na visão de Soares (2002) coadunam com as ideias de Freitas (2010), pois ambas apontam o letramento digital como uma construção social, ou seja, práticas sociais internalizadas pelos sujeitos em suas vivências diárias.

Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC)

“TDIC” significa Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação e está associado ao conjunto de tecnologias digitais e seus equipamentos tecnológicos (TICS: tecnologia da informação e comunicação) que permite às pessoas uma comunicação através de dispositivos conectados à internet, como por exemplo um aparelho celular, *tablet*, *tv*s etc. Sobre isso, Castells (1999) afirma que as tecnologias da informação e da comunicação estão em todas as esferas da vida humana. Ou seja, estamos imbuídos nessa constante transformação em que a sociedade atravessa, e não podemos ficar inertes a todo esse movimento.

Neste novo cenário em que vivemos, o uso da tecnologia tornou-se essencial para realizarmos inúmeras atividades que se desenvolvem no meio digital, seja ela formal ou informal. De acordo com Araújo e Glotz (2009, p. 3), “a nossa atualidade exige que, além do domínio do ler e escrever, sejamos também letrados digitalmente”. Atualmente é quase impossível não utilizar esses novos suportes tecnológicos em nosso cotidiano, a exemplo de ir ao supermercado e pagar sua compra via *pix* ou ir ao cinema e assistir um filme em 3D, para citar alguns exemplos que utilizamos a tecnologia no nosso dia a dia. E isso não é diferente nos ambientes formais, como as faculdades, escolas, empresas etc.

O saber se liberta da própria sala de aula, tornando-se a escola um espaço propiciador do conhecimento, muito mais do que meramente transmissor do mesmo. Segundo Serres (2012), historicamente o saber se objetivou, primeiro com pergaminhos; depois, com livros, e, hoje, com a Internet. O grande desafio consiste, agora, em “O que transmitir? O saber? Ele está agora por todo o lugar, na internet, disponível, objetivado. Transmitti-lo a todos? O Saber passou a ser acessível a todo mundo. Como transmitir?” (grifo do autor, p.26). Em consonância com Serres, segundo Lévy, “os saberes encontram-se, a partir de agora, codificados em bases de dados acessíveis on-line, em mapas alimentados em tempo real pelos fenômenos do mundo em simulações interativas” (Rodrigues, 2016, p. 4).

Nossas atividades profissionais e pessoais tornaram-se fortemente dependentes dos meios digitais, algo que se evidenciou de forma contundente durante a pandemia, quando fomos obrigados a nos adaptar rapidamente aos aparatos tecnológicos para dar continuidade às tarefas cotidianas. No caso dos docentes, essa transição implicou ministrar aulas por meio de recursos digitais, o que revelou a relevância dos saberes que cada professor mobilizou nesse novo

formato. Muitos desses profissionais possuíam pouca ou nenhuma formação na área digital, e a experiência mostrou o quanto tais conhecimentos eram indispensáveis para a efetivação de suas práticas pedagógicas, mesmo em um contexto remoto. Nesse cenário, estamos imersos em uma nova cultura, a cibercultura, que reconfigura espaços e modos de interação. A sociedade está em constante transformação, e nós mudamos junto com ela. Como aponta Lévy (1999), a cibercultura representa uma mutação fundamental da própria essência da cultura, preservando sua universalidade ao mesmo tempo em que dissolve a ideia de totalidade. Sobre isso, aduz o autor

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber. Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza. As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas (Lévy, 1999, p.172).

Ao mencionar o desenvolvimento tecnológico em vários campos do conhecimento, podemos citar o jornalismo, um meio de informação e comunicação que também evoluiu para as plataformas digitais. Canavilhas (2020, p. 147) pontua sobre a evolução dos meios digitais para o jornalismo (webjornalismo).

Em termos de jornalismo, a melhor maneira de envolver as pessoas seria por meio de uma interatividade que não possibilitasse apenas ler a notícia de forma muito pessoal, mas envolvê-los por meio da criação de pequenos espaços em que cada um perdesse a noção do que está a ler e tivesse a sensação de já estar em outro tipo de conteúdo, mais imersivo. Isso só é possível pela interatividade.

A evolução tecnológica tem favorecido diferentes contextos de trabalho e, de forma bastante evidente, transformou o modo como os leitores acessam os jornais. Hoje, além dos impressos, há uma vasta gama de periódicos disponíveis na web, ampliando as possibilidades de leitura e de informação. O sujeito contemporâneo torna-se mais ativo e participativo, com maior poder de escolha e de consumo, além de dispor de meios para interferir nos processos midiáticos por meio das interações nas redes digitais (Lemos, 2004). Nesse cenário, os diversos contextos escolares precisam apropriar-se dessas tecnologias, de modo que professores e alunos possam explorar as múltiplas possibilidades que tais recursos oferecem ao ambiente educativo

– afinal, os estudantes já fazem uso delas em sua vida extraescolar.

Precisamos, pois, aliar o tripé educacional ensino-aprendizagem-tecnologia para que possamos de fato preparar nossos alunos para essa cultura digital presente na sociedade. Acerca da inserção das tecnologias digitais no ambiente da sala de aula, Coscarelli (2016, p. 26) pontua que “é preciso, no entanto, que o professor reflita sobre como fazer esta integração, a fim de explorar eficiente e inteligentemente o potencial de cada um desses universos”. Ou seja, as tecnologias digitais exigem dos professores uma postura reflexiva, crítica e estratégica, sempre objetivando explorar com eficiência os recursos em prol de uma aprendizagem satisfatória.

Era Digital - A Inteligência Artificial

Estamos vivendo em tempos em que outrora não imaginávamos. Imbuídos em uma sociedade denominada de cibercultura, na qual algo se torna conhecido e publicizado em questão de segundos. Estamos na era digital mais surpreendente, por assim dizer. A IA (inteligência Artificial) rompe barreiras e torna a tecnologia digital ainda mais atraente e potente. Stuart Russell e Peter Norvig (2021) publicaram um livro-texto intitulado *Artificial Intelligence: a modern approach*, que se tornou a principal fonte do ensino de Inteligência Artificial. Ainda há poucos estudos sobre e a conceituação não é tão definida, mesmo com toda evolução tecnológica. De acordo com os autores, a Inteligência Artificial (IA) é uma área da ciência da computação que se concentra em criar sistemas que podem realizar tarefas que, normalmente, exigem inteligência humana para serem realizadas.

Mas o que caracteriza a IA?

De forma simplificada a IA é (pelo menos até agora) sobre máquinas realizando uma tarefa que os humanos executam e que só é possível porque nós, humanos, os ensinamos a fazê-lo. O que os programamos para fazer é reconhecer e agir sobre a correlação entre as coisas (intelligere); coisas que para nós, humanos, constituem parte do que constitui a vida e a experiência. Portanto, AI refere-se — para ser mais técnico — a artefatos usados para detectar contextos ou para efetuar ações em resposta a contextos detectados (Bartoletti, 2020, p. 21).

A inteligência artificial tem se expandido por diferentes áreas (saúde, educação, finanças, agricultura, entre outras) trazendo ganhos de eficiência e resultados expressivos. Bates

(2015) a define como a representação, em *softwares*, dos processos mentais envolvidos na aprendizagem humana. Sua inserção em múltiplos campos do conhecimento é cada vez mais evidente. No âmbito educacional, contudo, esse movimento deve ocorrer de forma planejada e gradual, pois o objetivo principal é que a IA funcione como um suporte pedagógico, capaz de potencializar o ensino e a aprendizagem (Tavares, 2020).

Na obra *A comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura*, André Lemos discute a aplicação da teoria ator-rede no contexto da cibercultura, destacando os múltiplos processos de mediação que permeiam a vida cotidiana. Para o autor, a experiência social contemporânea está profundamente entrelaçada aos meios digitais, relação que se intensificou com a difusão das tecnologias móveis, cada vez mais presentes e em constante reconfiguração no tempo e no espaço. Conforme Lemos (2013), os não-humanos, agora dotados de inteligência, conectividade, capacidade comunicativa e sensibilidade ao ambiente, passam a interferir em nossas práticas, transformando modos de pensar e agir em diferentes esferas da vida cultural, como a família, o trabalho, a escola e o lazer. Nesse cenário, marcado pela ascensão da inteligência artificial, as máquinas assumem atividades que antes eram exclusivas dos humanos, restando a estes um papel central de mediadores na interação e no manuseio dessas tecnologias digitais.

A tecnologia tem se tornado uma parte indispensável do trabalho jornalístico, como ressalta Canavilhas (2023). Sob o ponto de vista do autor, o jornalista precisa explorar o potencial tecnológico para dinamizar o seu trabalho. Sobre isso ele pontua

Para que o potencial da tecnologia seja aproveitado, utiliza-se o conceito de Silverstone, segundo o qual o jornalista precisa domesticá-la. Ou seja, ele deve ser capaz de transformá-la em uma ferramenta de trabalho. Isso pode acontecer em qualquer gênero jornalístico, mas naqueles onde a originalidade e a criatividade são mais importantes – como a crônica e a reportagem – a IA pode ter um papel mais importante. Para além de acelerar o processo de coleta e tratamento de dados, a IA pode ajudar a definir a melhor forma de contar a história, sugerindo abordagens, identificando assuntos relacionados e propondo uma estrutura adaptada ao público a quem se dirige o trabalho ou à plataforma onde que vai ser publicada, por exemplo (Canavilhas, 2023, p.191).

Para os jornalistas, é essencial não apenas compreender, mas também saber utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis para aprimorar a coleta, a análise e a disseminação de informações. A aplicação da IA está se expandindo rapidamente, permeando diversos campos do conhecimento, desde a medicina até a comunicação, incluindo, evidentemente, o jornalismo.

Essa integração de IA pode transformar a maneira como as notícias são produzidas, distribuídas e consumidas, otimizando processos e possibilitando novas formas de interação e análise de dados, e não seria diferente na área da educação.

***Fake news* e os impactos na educação**

A escola, enquanto instituição responsável pela formação humana, tem a incumbência de desenvolver a consciência crítica, política e ética dos indivíduos, promovendo habilidades socioemocionais. Ensinar o aluno a ter uma leitura de mundo, interligando-o às suas vivências reais, proporcionando com isso uma percepção crítica do que é ou não confiável, ou seja, ser capaz de discernir fatos de boatos, principalmente nos meios digitais. Freire (2007) afirma que não existe ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino. Essas práticas estão entrelaçadas. Sobre isso, o autor aborda a importância do ensinar e pesquisar:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 2002, p. 29).

Com isso, através da pesquisa, do buscar conhecer, construir e reconstruir ideias, opiniões, o aluno com a ajuda do professor, descortina a verdade por trás de mentiras propagadas com o objetivo de encobrir fatos reais. Ainda nas lições de Freire (2005), é através da pesquisa, indagação, desconstrução e reconstrução, o professor pode junto com os alunos apresentar uma leitura do mundo que permita uma conscientização e conseqüentemente uma ação transformadora da realidade.

Com o avanço tecnológico e a difusão de inúmeras redes sociais, surgiu o fenômeno da *Fake News*, principalmente durante a pandemia, com isso as escolas tiveram que lidar com esse problema que interfere diretamente no cotidiano da sala de aula. Os professores tiveram que repensar sua práxis pedagógica para construir elementos sólidos para tratar essa problemática que “invade” a vida das pessoas interferindo em seu bem-estar profissional e/ou pessoal. Prova disso foi a difusão em massa de *fakes news* que permearam o governo Bolsonaro, fazendo com que milhares de pessoas acreditassem piamente em boatos da internet como se fossem verdades

absolutas, como foi o negacionismo das vacinas durante a pandemia do Covid-19.

Lemos (2021, p. 72) escreve sobre o manifesto dos profissionais da saúde em relação às *fake news*:

Em maio de 2020 um manifesto dos profissionais da saúde do Brasil, e de uma dezena de países, apontava as *fake news* (FN) como uma “infodemia”, ou seja, uma epidemia nociva de informações. Para impedir essa ação nefasta seriam imprescindíveis ações para conter a disseminação mortal da desinformação e fazer com que as redes sociais parem de adoecer nossas comunidades.

A interrupção e a queda nas taxas de vacinação têm produzido impactos que ainda se refletem no presente, como a reemergência de doenças que haviam sido controladas ou eliminadas há décadas – um fenômeno diretamente relacionado à baixa procura por vacinas (Hamson *et al.*, 2023). Weinstein (2021) afirma que as *fake news* causaram vários prejuízos à sociedade em diferentes esferas:

As *fake news* roubaram a cena das discussões porque, além do prejuízo que causam em várias frentes, elas vêm num formato mais contundente, mais impactante, menos burocratizado, mais direto e mais fácil de serem disseminadas também porque ninguém precisa pagar para consumi-las e nem consumir, de quebra, uma enxurrada de publicidade a reboque (Weinstein, 2021, p.202).

O fato é que as *fake news* têm provocado impactos negativos em diversas esferas da sociedade, sobretudo pela facilidade com que se disseminam. De acordo com Cardoso (2021), sua produção e circulação podem estar motivadas por diferentes interesses: de ordem econômica, quando visam gerar lucros ou vantagens financeiras e comerciais; ou de natureza política e ideológica, quando buscam manipular a opinião pública em torno de determinados temas. Exemplos ocorreram nas campanhas eleitorais de 2016, nos Estados Unidos, e de 2018, no Brasil, evidenciando como tais práticas trazem sérias consequências para a sociedade. Corroborar Becker (2024, p. 3) ao afirmar que a proliferação de informações falsas causa danos em diferentes setores da sociedade:

As apropriações das TICs e o uso de algoritmos nas plataformas e redes sociais têm gerado uma superabundância de informações e conteúdos maliciosos que mobilizam crenças e emoções. A proliferação de informações falsas causa danos à saúde pública, às comunidades vulneráveis e ao meio ambiente, desestabiliza a democracia, ameaça os direitos humanos e prejudica a sociedade, impedindo que notícias confiáveis e relevantes de interesse público sejam conhecidas pelos cidadãos.

Essa propagação em massa de inverdades causa consequências muitas vezes irreversíveis à sociedade. É preciso estabelecer vínculos mais efetivos com as pessoas, ensinar a interpretar as informações e duvidar de fontes suspeitas que simplesmente e de forma irresponsável “lançam” notícias falsas com o intuito de ludibriar, camuflar fatos verídicos, subjugando os leitores ávidos por informações.

Todos nós temos direito à compreensão da comunicação. No Brasil, “o direito à comunicação foi oficialmente reconhecido pelo Estado em 2009, no Decreto n. 7.037, que instituiu a terceira edição do Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3)” (Vannuchi, 2018, p. 169). No entanto, as pessoas precisam se apropriar desse direito para que os mecanismos de proteção ao cidadão sejam de fato aplicados em políticas públicas de proteção à comunicação e informação. Isso corrobora com Freire (2002) quando afirma que é preciso levar o professor à reflexão sobre sua atuação em sala de aula, tornando-se um sujeito crítico, criativo, com liberdade e capacidade para tomar decisões justas e coerentes. Para ele, a mediação vinda por meio do diálogo político pedagógico oportuniza uma maior aproximação tanto entre professor e aluno como também um olhar com criticidade sobre o conhecimento. Como cita Weinstein (2021, p. 200), “é importante apurar o que vem sendo veiculado sobre e sob a condição extraordinária em que vivemos, quando o termo viralizar deixa de ser apenas uma analogia metafórica nas redes sociais para se reintegrar ao cotidiano real”, ou seja, precisamos filtrar as informações, discernindo verdades de mentiras.

Tripé: ensino, aprendizagem e tecnologia

É notório que a tecnologia está presente na sociedade e que interfere diretamente na vida das pessoas. Presenciamos como os recursos digitais influenciam as inúmeras relações pessoais e interpessoais dos indivíduos. Hoje, a escola tem um papel fundamental na formação e condução dos alunos. Sabemos que a escola faz parte de um contexto que engloba a sociedade, sua organização, sua estrutura, sua cultura e sua história (Ghedn, 2012). É preciso lançar mão de toda essa tecnologia e aliá-la a práxis docente. A escola precisa rever sua pedagogia e reconhecer o quanto antes que a tecnologia faz parte desse novo contexto em que estamos inseridos. Unir tecnologia e educação para que possamos difundir melhor os conhecimentos. A fluidez, a dinamicidade e a transitoriedade dos textos digitais requerem, por parte dos

professores, proposições didáticas que contribuam para desenvolver, nos alunos, habilidades para lidar com o universo de práticas letradas (Coscarelli, 2020).

Incorporar inovações nas instituições de ensino não é uma tarefa simples, uma vez que nosso modelo educacional é historicamente enraizado em práticas tradicionais e culturalmente legitimadas como as únicas “corretas”. Qualquer tentativa de mudança, portanto, torna-se desafiadora tanto para os espaços escolares quanto para os profissionais que ali atuam. Diversas limitações dificultam esse processo: a escassez de estrutura e de equipamentos adequados, a resistência de parte do corpo docente que não se sente preparado para lidar com o novo e, ainda, o risco de que os recursos digitais sejam incorporados de maneira superficial, meramente escolarizada, perdendo seu potencial transformador. Contudo, a sociedade está em constante mutação, e é imprescindível que a educação acompanhe esse movimento. Pensar a mudança é, assim, uma necessidade inadiável, mesmo diante dos inúmeros desafios que se impõem.

Para Barreto (2011, p. 67):

A questão não é introduzir na escola as várias mídias, as linguagens e os textos que emergem do digital. É preciso, acima de tudo, criar condições para formas de leitura plurais e para concepções de ensino e aprendizagem que consideram o aprendiz como protagonista, a fim de diminuir a distância entre as leituras e as práticas que se desenvolvem fora da escola e aquelas que são privilegiadas por ela.

Aqui, a questão gira em torno de inserir no ambiente escolar, algo que comumente já vem sendo utilizado pelos alunos no meio em que vivem, ou seja, extraescolar. É preciso ter formação para isso, é óbvio, e certamente um amadurecimento da sua prática, reflexões requer tempo e preparação. Estamos imersos nos ambientes digitais e não cabe mais aulas expositivas, monológicas, as quais muitas vezes são improfícuas. Nesse contexto, pressupõe a importância da autonomia, da capacidade crítica e da criatividade na cultura digital. Para Coscarelli (2020, p. 11), corrobora quando diz que “as tecnologias digitais, disponíveis agora nos celulares e amplamente utilizadas por todas as camadas sociais como meio de comunicação, produção e disseminação de saberes, precisam ser estudadas e compreendidas”.

Os aprendizes são vistos como indivíduos que não apenas consomem informações, mas que também as questionam, as analisam e as reinterpretam, criando significados próprios. Para isso, é essencial que as metodologias de ensino sejam dinâmicas e se baseiam na problematização de situações reais, permitindo que os alunos naveguem por diferentes espaços de conhecimento e apliquem suas habilidades de forma prática e reflexiva. Isso promove um

aprendizado mais significativo e prepara os alunos para lidar com os desafios e as oportunidades da era digital. Dessa forma, é preciso que as aprendizagens trabalhadas e desenvolvidas no ambiente escolar se conectem com a vida fora da escola, provocando os alunos para que reflitam sobre situações reais, com vistas à construção de um conhecimento crítico e engajado (Gómez, 2015).

Conectando saberes: ensino, aprendizagem e tecnologia

O presente artigo buscou discutir as conexões entre prática docente, letramento digital e tecnologias digitais, evidenciando que a tecnologia, quando articulada à prática pedagógica, não se limita ao simples uso de ferramentas, mas constitui-se como mediação essencial no processo educativo, ampliando horizontes de ensino e aprendizagem.

Refletir sobre tecnologia, educação e ensino é projetar o futuro, uma vez que esse tripé se encontra em constante transformação e nos coloca diante de desafios inéditos. Constatou-se que o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação vai além de manejar instrumentos ou acessar a internet: trata-se de compreender a tecnologia como campo de inovação permanente, capaz de reconfigurar as formas de viver em sociedade, de produzir conhecimento e de interagir com o outro.

Nesse sentido, a integração entre ensino, aprendizagem e tecnologia revela-se como um caminho indispensável para a construção de práticas pedagógicas mais críticas, criativas e pluriculturais. Quando docentes e discentes se apropriam dessas ferramentas de maneira consciente e reflexiva, o espaço escolar se transforma em ambiente de autonomia e emancipação, fortalecendo sujeitos capazes de agir criticamente frente às demandas da cultura digital. Assim, o desafio posto não é apenas inserir recursos digitais no cotidiano da escola, mas promover condições para que esses recursos potencializem aprendizagens significativas, em diálogo constante com as transformações sociais que atravessam nosso tempo

Referências

ARAÚJO, Verônica Danieli Lima; GLOTZ, Raquel Elza Oliveira. O letramento digital enquanto instrumento de inclusão social e democratização do conhecimento: desafios atuais. **Revista Paidéi@**, Unimes Virtual, v. 2, n. 1, p. 1-26, jun. 2009.

BARRETO, Raquel Goulart (org.). **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

BEHRENS, Maria Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BECKER, B. News Literacy: a potência do diálogo entre jornalismo e educação contra a desinformação. **Esferas**, n. 29, 21 abr. 2024.

CANAVILHAS, João. João Canavilhas: “A criatividade é o escudo de defesa do jornalista em relação à IA”. Entrevista concedida à revista Estudos em Jornalismo e Mídia (EJM). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 20, n. 1, mar./jul. 2023 ISSN 1984-6924.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (v. 1).

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana. Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. In: RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

COSCARELLI, C. V. (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, M. T. A. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0102-46982010000300017. Acesso em: 24 de abril de 2024.

GHEDIN, E. **Teorias Psicopedagógicas do Ensino Aprendizagem**. Boa Vista: UERR Editora, 2012, p.1920. Disponível em: http://www.nelsonreyes.com.br/Teorias_Psicopedagogicas_Evandro_Ghedin.pdf. Acesso em: 24 de abril de 2024.

HAMSON, Elizabeth; FORBES, Carol; WITTKOPF, Priscilla; PANDEY, Anuja; MENDES, Diana; KOWALIK, Jack; CZUDEK, Carole; MUGWAGWA, Tendai. Impact of pandemics and disruptions to vaccination on infectious diseases epidemiology past and present. **Human Vaccines and Immunotherapeutics**, New York, v. 19, n. 2, p. 2219577, 2023. <https://doi.org/10.1080/21645515.2023.2219577>.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras,

1995.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Sulina: Porto Alegre, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

RODRIGUES, A. Z. A utilização das tecnologias de informação e comunicação – TICs no processo de ensino-aprendizagem. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., Natal, 2016. **Anais [...]**. Natal: Conedu, 2016.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

TAVARES, Luis Antonio; MEIRA, Matheus Carvalho; AMARAL, Sergio Ferreira do. Inteligência Artificial na Educação: Survey. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 7, p. 48699-48714, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n7-496.

VANNUCHI, Camilo. O direito à comunicação e os desafios da regulação dos meios no Brasil. **Galáxia**, São Paulo, n. 38, p. 167-180, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-2554232145>.

Submetido em: 27/06/2025

Aprovado em: 16/09/2025